

Móveis, quadros, porcelanas e cristais estão no leilão da Academia de Tênis

Página 2



DOIS

Sônia Braga afastada de novela

Página 2

Começa retrospectiva Fritz Lang

Página 3

A estréia do Patinho Feio

Página 5

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, sábado, 13 de abril de 1996

Fotos: Glaucio Dettmar

DF - música



Integrantes das 90 bandas que formam a nova geração do rock brasileiro se reuniram para fazer a foto do pôster que enfeitará a loja da Redley Records do Conjunto Nacional

As bandas estão soltas

Roqueiros garantem que o rock de Brasília está mais vivo e atuante do que nunca

Teresa Albuquerque

Da equipe do Correio

Conjunto Nacional, terça-feira, 22h30. Trezentos roqueiros espremiam-se atrás da corda de isolamento. "Na casa do senhor não existe Satanás, xô Satanás!", "Hey, hey, hey, Dinho é nosso rei!"

Ninguém fica de fora das piadinhas. Nem eles mesmos. Depois de meia hora esperando pela foto da nova geração do rock brasileiro, alguém grita: "Sooltem as bandas!"

Mas a noite não era de marmelada nem palhaçada. As 90 bandas que compareceram ao encontro promovido pela Redley Records também não estavam ali para nenhum show.

Fazendo fila para serem fotografados por Patrick Grosner e Paulo André, veteranos e novatos tinham o mesmo objetivo: provar que Brasília ainda é a capital do rock.

"O rock é o nosso som, não a música baiana", afirma Paulo César Cascão, gerente da loja e vocalista do Detrito Federal, grupo punk dos anos 80 que retorna aos palcos depois de seis anos. "Quem pensa que o rock de Brasília perdeu sua força está enganado. As bandas de garagem nunca pararam de produzir e tocar", garante o vocalista.

Espaços — Formadas há dez anos ou dez meses, vindas da Ceilândia ou do Lago Sul, fãs de Sepultura ou Lulu Santos. Pouco importa. Quando o assunto é a falta de espaço para o rock, ninguém parece preocupado com diferenças e influências musicais.

"Entre o primeiro estouro do rock brasileiro, nos anos 80, e o sucesso dos Raimundos houve uma entressafra muito grande, principalmente pela falta de espaço", comenta Giuliano Fernan-

dez, vocalista e guitarrista da Low Dream. "Com apoios como este da Redley não se repetirá outra entressafra".

As reclamações são antigas. Na capital do rock, onde existem pelo menos 200 grupos, roqueiro não tem vez. A maioria toca onde, quando e como pode.

Se antes eles se queixavam porque tinham apenas a Casa do Teatro Amador e o Teatro Garagem para tocar, hoje a situação é pior. Em 95, dois dos mais interessantes projetos da cidade, *Made in Brasília* e *Feira de Música*, sumiram do mapa.

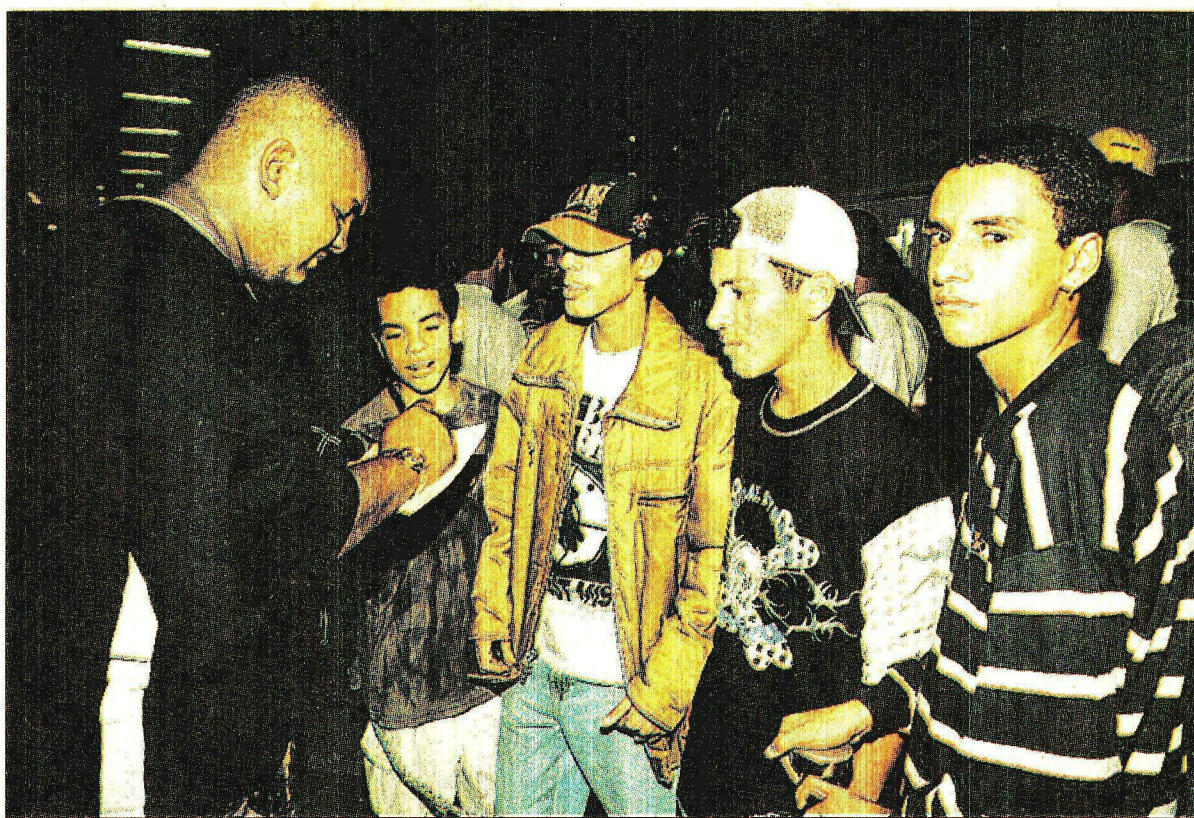
A Fundação Cultural do DF promete reabrir o Gran Circo Lar, mas por enquanto a única opção é mesmo o bom e velho Teatro Garagem. Palco mais conhecido do cenário alternativo, ali acontece quinzenalmente o projeto *Terças no Garagem*. O único voltado para o rock da cidade.

Público — Boa parte dos grupos não toca no rádio, faz poucos shows, mas mantém seu público. Na terça roqueira do Conjunto Nacional, além das bandas, havia dezenas de curiosos e fãs.

Um deles era César Tadeu, de 16 anos. O garoto não sossegou enquanto não conseguiu um autógrafo do DJ Jamaika, do Alibi, grupo de rap da Ceilândia. "Gosto de rap sem guitarras", dizia o garoto, *alfinetando* o Câmbio Negro.

Daniel Aires, 13 anos, e Júnior Batatão, 16, eram dois dos aspirantes a roqueiros que foram ao Conjunto Nacional só para assistir ao encontro. Futuros integrantes do Azeitonas (a banda por enquanto só tem baterista e guitarrista), sonhavam participar um dia do encontro.

"Daqui a três anos, estaremos aqui", anunciava o empolgado Daniel. Não como espectadores, mas como "convidados".



Daniel, César e Jr. Batatão pegam o autógrafo do DJ Jamaika, integrante do grupo de rap Alibi, da Ceilândia

Muita gente esquisita junta

O burburinho em frente à Redley Records começou pouco antes das 21h. Quem não sabia do encontro levou um susto com a multidão. "Nunca vi tanta gente esquisita", comentou a professora Edna Santos. "Cabeludo, careca, punk, metaleiro... É povo doido!"

Do baixista Canisso, dos Raimundos, a mais bem-sucedida banda da geração 90, aos integrantes de desconhecidos Boi Gerião, Aspargus, The Everaldos, Cancrus e Pitufos, todos estavam lá e aproveitavam para divulgar suas fitas demo, à venda no local, e tirar fotos com Patrick Grosner, um dos melhores da cidade.

"Se todo mundo que está aqui

assistisse aos shows de rock, eles estariam lotados", reclamava Binho Macho Man, vocalista do Nomes Feios. "É uma iniciativa boa, mas tem muita gente que só veio pela festa, pelo burburinho".

Alfinetadas à parte, as bandas elogiaram bastante o encontro. "Brasília precisa de um lugar para reunir a galera com frequência", comentou Canisso. "Depois do Gilbertinho, as bandas nunca mais tiveram um local de encontro. Faz falta".

"Fiquei entusiasmado com esse monte de bandas, temos que aproveitar esta janela aberta para o rock", disse o baixista Beto, um dos fundadores do Cravo Ras-

tafári, grupo que deu origem ao

Maskavo Roots. O Cravo voltou à cena há dois meses, depois que Beto retornou de Los Angeles.

Para o vocalista do Abhorrent, Robson, o melhor de uma iniciativa como esta é a divulgação para os grupos pequenos. "Em Brasília, além da quantidade, a qualidade das bandas é de primeira", acredita ele.

Segundo Daniel, guitarrista do Kashimir, o rock brasileiro atual não tenta copiar o que deu certo. "Ao contrário dos anos 80, temos bandas de vários estilos, desde o rockabilly do Little Quail e o reggae do Maskavo até um som mais pesado, mais alternativo".

■ Colaboração: Bernardo Scartezini